



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação



LUIZA HIROMI ARAO

**VIDA MÉDIA E OBSOLESCÊNCIA DA ÁREA DE CIÊNCIA DA
LITERATURA: uma contribuição ao entendimento da cronologia de citações na
atividade acadêmica**

Rio de Janeiro
2014

LUIZA HIROMI ARAO

VIDA MÉDIA E OBSOLESCÊNCIA DA ÁREA DE CIÊNCIA DA
LITERATURA: uma contribuição ao entendimento da cronologia de citações na
atividade acadêmica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação (CBG/FACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Professora Maria José Veloso da Costa Santos
Coorientadora: Professora Vânia Lisbôa da Silveira Guedes

Rio de Janeiro
2014

A662v

Arao, Luiza Hiromi

Vida-Média e Obsolescência da área de Ciência da Literatura: uma contribuição ao entendimento da cronologia de citações na atividade acadêmica / Luiza Hiromi Arao. – Rio de Janeiro, 2014.

47 f. : il.

Orientadora: Maria José Veloso da Costa Santos.

Coorientadora: Vânia Lisbôa da Silveira Guedes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)

– Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Vida-Média. 2. Obsolescência da Literatura. 3. Bibliometria. 4. Ciência da Literatura. I. Santos, Maria José Veloso da Costa. II. Guedes, Vânia Lisbôa da Silveira. III. Título.

CDD: 020.28

LUIZA HIROMI ARAO

VIDA MÉDIA E OBSOLESCÊNCIA DA ÁREA DE CIÊNCIA DA
LITERATURA: uma contribuição ao entendimento da cronologia de citações na
atividade acadêmica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão da
Unidade de Informação (CBG/FACC), da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel em Biblioteconomia.

BANCA EXAMINADORA:

Aprovado em:

Prof^ª: Maria José Veloso da Costa Silva
Mestre em Ciência da Informação
Orientadora

Prof^ª: Vânia Lisbôa da Silveira Guedes
Doutora em Linguística
Coorientadora

Prof^ª Ana Maria Ferreira de Carvalho
Mestre em Computação
Professora convidada

Prof^ª Maria de Fátima Borges Gonçalves de Miranda
Mestre em Ciência da Informação
Professora convidada

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha orientadora Professora Mestre Maria José Veloso da Costa Santos pelas suas sábias orientações e pelo seu pequeno gesto de carinho que foi de grande conforto numa hora muito difícil. À coorientadora Professora Doutora Vânia Lisbôa da Silveira Guedes, minha eterna gratidão pelos seus ensinamentos e dedicação.

Meus agradecimentos aos mestres que me acompanharam ao longo dos quatro anos e meio da vida acadêmica; à bibliotecária Jane Maria Medeiros, aos funcionários Beatriz e Bruno, pelas orientações e acolhida no estágio supervisionado em Biblioteconomia.

Aos meus companheiros do grupo, especial agradecimento à Ana Paula, por ter tornado minha estada na UFRJ muito mais agradável e ter acompanhado desde o início nos inúmeros trabalhos a cumprir. À Francine, Luziane, Juliana e ao Helon, meus agradecimentos pela inclusão, apesar da enorme diferença de idade entre nós. Quero dizer que foi muito bom trabalhar com todos vocês.

Meus agradecimentos ao Leandro, por estar sempre on-line e tirar minhas dúvidas ou quando não, sua resposta quase que imediata. À Cristiana, pela sua atenção, e ao Daniel pelo seu eficiente trabalho como representante da turma 2014.1.

Meus agradecimentos à minha chefe, a bibliotecária Maria de Fátima Prôa Melo, por tornar possível esta graduação, um sonho de poder dizer sou bibliotecária. À minha amiga Angela e Priscila, pelo incentivo e ouvir muitas vezes às queixas dos diversos afazeres.

Ao meu marido Seiiti, pela sua paciência e compreensão, à minha filha Lina, pelas suas orientações, à minha filha Mieka, pela sua ajuda no uso de tecnologia.

Agradeço aos meus pais Goro e Akiko, apesar das adversidades ter me oferecido a educação básica que proporcionou dar continuidade aos meus estudos mesmo que tardiamente.

Por fim, agradeço aos meus irmãos Cristina e Koji, aos meus cunhados Ryoichi e Yumi, por estarem sempre prontos a preencher a minha ausência.

ARAO, Luiza Hiromi. **Vida-Média e Obsolescência da área de Ciência da Literatura:** uma contribuição ao entendimento da cronologia de citações na atividade acadêmica. 47 f., 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

RESUMO

O presente trabalho desenvolve um estudo quantitativo e exploratório na área de Ciência da Literatura com vistas a definir a vida-média e obsolescência desse campo do conhecimento, tendo como base as citações que se encontram na seção Referências, constantes nas teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), defendidas no período de 2007/2008 e 2011/2012. O método utilizado é o exploratório e comparativo, utilizando-se ferramentas estatísticas e técnica de coleta de citações para atingir aos objetivos traçados. Os procedimentos metodológicos adotados para a consecução do trabalho consistiu, primeiramente, em uma revisão de literatura sobre Comunicação Científica, Bibliometria, especificamente, nas áreas de Análise de Citações, Vida-Média e Obsolescência da Literatura Científica, Literatura Cinzenta e Teses e Dissertações. Em seguida, foi realizada uma breve explanação sobre a área do conhecimento escolhida, a Ciência da Literatura e seus Estudos Literários, bem como sobre o Programa de Pós-Graduação da área e outros conceitos pertinentes à área. Após a coleta de dados verificou-se que os mestrandos e doutorandos da área de Ciência da Literatura utilizam, principalmente, livros para realizar suas investigações. Assim, os livros e capítulos de livros foram o material selecionado para o levantamento das citações. Encontrou-se como resultado para o cálculo da vida-média da área do conhecimento estudada, 14 anos quando analisado o período de 2007/2008 e de 15 anos para o período de 2011/2012, considerada uma vida-média relativamente longa em comparação aos estudos encontrados em outras áreas do conhecimento.

Palavras-chaves: Análise de Citações. Bibliometria. Ciência da Literatura. Obsolescência da Literatura. Vida-Média.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Distribuição por ano do quantitativo das citações - 2007/2008	36
GRÁFICO 2 – Distribuição por ano do quantitativo das citações - 2011/2012	41

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Dados coletados: 2007/2008 – 2011/2012	29
QUADRO 2 – Citações coletadas: 2007/2008 – 2011/2012	29
QUADRO 3 – Tipologias documentais – Nº de citações: 2007/2008 – 2011/2012	30
QUADRO 4 – Suportes documentais utilizados: 2007/2008 – 2011/2012	31
QUADRO 5 – Livros/capítulo de livros e Artigos de periódicos - Suporte físico e eletrônico: 2007/2008 – 2011/2012	31
QUADRO 6 – Cálculo da Vida-Média: 2007/2008	32-35
QUADRO 7 – Cálculo da Vida-Média: 2011/2012	37-39

SUMÁRIO

	P
1 INTRODUÇÃO.....	7-8
2 OBJETIVOS.....	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
3 JUSTIFICATIVA.....	10
4 METRIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA.....	11-13
4.1 BIBLIOMETRIA.....	13-15
4.1.1 Análise de Citações.....	15-16
4.1.2 Vida-Média e Obsolescência de Literatura.....	16-19
4.2 LITERATURA CINZENTA.....	19-21
5 ÁREA DE CIÊNCIA DA LITERATURA.....	22-26
6 METODOLOGIA.....	27-28
7 RESULTADOS.....	29
7.1 RESULTADOS E ANÁLISES DO UNIVERSO COLETADO.....	29-32
7.2 CÁLCULO DA VIDA-MÉDIA.....	32
7.2.1 Cálculo da Vida-Média no período 2007/2008.....	32-36
7.2.2 Cálculo da Vida-Média no período 2011/2012.....	37-41
8 CONSIDERAÇÕES.....	42-43
REFERÊNCIAS.....	44-47

1 INTRODUÇÃO

O uso de indicadores bibliométricos para avaliação de uma área do conhecimento é reconhecido como importante técnica e instrumento que permite estudar, avaliar e detectar fenômenos determinantes nas atividades de produção científica.

Esses indicadores surgem no início do século XX, no âmbito da Ciência da Informação, na área de pesquisa denominada Bibliometria, área definida pela primeira vez por Alan Pritchard (1969, p. 349) como sendo a “aplicação de métodos matemáticos e estatísticos a livros e outros meios de comunicação escrita”.

A Bibliometria apresenta um conjunto de leis e técnicas que, aplicadas a uma área do conhecimento, produzem indicadores que visam a contribuir para o conhecimento do comportamento da literatura da área analisada.

O presente trabalho desenvolve um estudo exploratório e quantitativo sobre o comportamento da literatura no campo da Ciência da Literatura, utilizando as técnicas bibliométricas de Análise de Citações e de Vida-Média e Obsolescência da Literatura Científica, com o intuito de determinar indicadores acerca do tempo em que a literatura nesse campo do conhecimento se torna obsoleta. Utiliza como base para a coleta de dados as citações que se encontram na seção Referências, contida em teses e dissertações apresentadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) nos períodos de 2007/2008 e 2011/2012.

A primeira seção, introdutória, visa a contextualizar o tema de pesquisa do trabalho e apresentar um panorama geral do mesmo. Na segunda seção, são explicitados os objetivos geral e específicos. Em seguida, na seção três, encontram-se expostas a motivação para a pesquisa desenvolvida e a justificativa, destacando a intenção de contribuir para a área estudada e de tornar o trabalho útil nas tomadas de decisão em serviços biblioteconômicos. Na seção quatro, como fundamentação teórica e descritiva, é apresentada a revisão de literatura nos campos que embasaram o trabalho, como: Comunicação Científica, Bibliometria, especificamente Análise de Citações, Vida-Média e Obsolescência da Literatura, e ainda Literatura Cinzenta, considerando conceitos e pontos de vistas de alguns autores relevantes na área. A seção cinco é dedicada à área do conhecimento investigada, a Ciência da Literatura e os Estudos da Literatura, complementando com uma breve apresentação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal do

Rio de Janeiro (UFRJ). Na sexta seção, são apresentados a metodologia utilizada no trabalho bem como os procedimentos metodológicos e as etapas seguidas para o alcance dos objetivos delineados para o trabalho na segunda seção. A seção seguinte, a sete, apresenta os resultados alcançados na pesquisa com sua discussão e interpretação. Finalmente, na seção oito, apresentam-se algumas considerações e sugestões, seguidas das referências ligadas aos estudos citados no texto deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

2 OBJETIVOS

Os objetivos do trabalho, elencados a seguir, estão divididos em geral e específico.

2.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar comparativamente a vida média e grau de obsolescência da literatura na área de Ciência da Literatura por meio do indicador bibliométrico de Vida-Média e Obsolescência da Literatura, tendo como base a análise de citações, constantes nas dissertações de mestrado e teses de doutorado, apresentadas no período de 2007/2008 e 2011/2012 ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Apresentar uma revisão de literatura nos campos de estudos que embasaram a investigação proposta neste trabalho;
- Classificar e quantificar as tipologias documentais ligadas às citações registradas na seção Referências das teses e dissertações analisadas;
- Mostrar o padrão de média de citação por tese ou dissertação na área de Ciência da Literatura.
- Verificar a cronologia das citações por meio da sua organização em ordem decrescente de ano de publicação dos documentos citados, para compor o quadro do cálculo da vida-média, conforme sugerido na literatura.
- Calcular a vida-média como um indicativo da razão de obsolescência na área de Ciência da Literatura.

3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema de pesquisa e realização desse trabalho foi despertado no decorrer das disciplinas Fundamentos da Bibliometria e Indexação e Resumos, oferecidas no 6º período do Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação, nas quais foram abordados estudos teóricos e práticos de leis, princípios e técnicas bibliométricas.

A opção pela área de Ciência da Literatura, para investigação da vida-média e obsolescência da literatura, justifica-se uma vez que, em estudos bibliométricos sobre o tema, não foi identificada análise dessa natureza no campo estudado em língua portuguesa. Identificou-se, no entanto, um estudo bibliométrico, realizado por Bronmo, em 1979, sobre o uso de livros de Crítica Literária na Biblioteca da Universidade de Toronto, mencionado pelo autor Urbizagástegui Alvarado em 2009.

Vários estudiosos destacam a validade da técnica bibliométrica da Vida-Média e Obsolescência da Literatura Científica, para detectar o decréscimo na utilização da literatura com o passar do tempo, ou seja, a sua idade útil, sua taxa de obsolescência. Esse indicador contribui, segundo esses autores, para o conhecimento da área estudada, oferecendo subsídios aos pesquisadores, especialistas da área, que precisam estar constantemente atualizados com informações relevantes. Nesse sentido, o reconhecimento da vida-média e do grau de obsolescência da literatura, produzida na área, contribui sobremaneira para a seleção de informações qualitativamente importantes sobre temas de pesquisa ligados à Ciência da Literatura.

Por outro lado e com igual importância, justifica-se que, com os resultados obtidos pode-se, também, contribuir com a gestão de unidades de informação especializadas no campo estudado, principalmente, na racionalização do trabalho. Como por exemplo, na área de Formação e Desenvolvimento de Coleções, para a tomada de decisões, na retenção, ou remanejamento de acervo considerado obsoleto e portanto, de uso esporádico numa unidade de informação.

4 METRIAS NA COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

A comunicação desempenha papel principal na ciência. Para que um estudo seja considerado científico é necessário que passe pela aprovação e certificação de outros pesquisadores, dos pares. É a comunicação que permite a troca de informações entre os cientistas de uma especialidade “é o processo de intermediação que permite o intercâmbio de ideias entre indivíduos” afirma Targino (1999, não paginado).

No caso específico de comunicação científica, este processo se restringe aos membros da comunidade científica e incorpora atividades como a produção, disseminação e uso de informação, desde o momento da concepção até os seus resultados. Segundo Oliveira; Noronha (2005, p. 76) a “comunicação é a parte inerente no desenvolvimento da ciência” e Meadows (1999, p. 7) a considera o “coração da ciência”, sendo tão importante quanto a própria pesquisa em si.

A comunicação científica permite somar os esforços individuais aos dos membros das comunidades científicas, trocando informações continuamente com seus pares, favorecendo ao produto, produção científica, e aos produtores, ou seja, pesquisadores.

Segundo Meadows (1999) existem canais para a comunicação na ciência que se classificam em canais formais ou convencionais e canais informais ou não-convencionais que são utilizados em dois momentos diferentes da pesquisa. Um antes da publicação de um trabalho, a comunicação informal e o outro na formalização da pesquisa, o canal formal.

A comunicação formal, como o próprio nome sugere, ocorre através da escrita contida em livros, artigos de periódicos, e ainda, teses e dissertações, anais de eventos científicos e de outras reuniões profissionais entre outros. Este tipo de comunicação passa pela avaliação prévia, portanto confere credibilidade às informações. Sua principal vantagem é a permanência de publicação, o que facilita a recuperação e localização do documento (MUELLER, 2007, p. 128-132).

A comunicação informal se dá, principalmente, no momento da concepção de uma ideia original pelo cientista. É realizada através de conversas diretas entre pesquisadores, troca de correspondência de forma tradicional e virtual, troca de informações em eventos científicos (seminários, congressos, reuniões entre outros) onde são divulgados os resultados preliminares da pesquisa. Esses pesquisadores de uma mesma especialidade formam uma rede

de comunicação e colaboração, que ficou conhecida na literatura pela expressão “colégio invisível” (MEADOWS, 1999). A grande vantagem do uso dos canais informais, segundo Oliveira e Noronha (2005, p. 78) é a rapidez na divulgação das informações e a principal desvantagem é a sua volatilidade, de difícil localização e recuperação.

Mueller (2007) afirma que diante das mudanças ocorridas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, os conceitos até então estabelecidos de canais formais e informais são questionados por alguns autores, uma vez que a maneira das pessoas se interagirem, a publicação e a produção das revistas científicas se modificaram.

Os estudos sobre comunicação científica estão relacionados geralmente ao entendimento de como se dá a passagem da concepção da uma ideia original, pelo cientista, até a produção do conhecimento científico; focando ainda na diversidade de instâncias informais e formais de comunicação; ou seja, a forma como vai sendo divulgada, os fatores que influenciam o processo; a necessidade de entender quem são os autores e como eles se relacionam entre si e quais os fatores que influenciam e condicionam o processo (MUELLER, 2007, p. 133-135).

Ainda Mueller (2007) afirma que o conjunto de publicações de trabalhos realizados pelos cientistas é denominado “literatura científica”. A autora acrescenta que a estrutura desta literatura difere de uma área para outra, ou seja, cada área do conhecimento privilegia um determinado tipo de publicação como canal preferencial para sua divulgação e certificação.

Vários estudiosos na área afirmam que o processo de comunicação científica tem uma relação indissociável com a produção do conhecimento científico, assim, no contexto das instituições acadêmicas e comunidades científicas, não se pode prescindir deste instrumento (LEITE; COSTA, 2007, p. 93).

Sob essa perspectiva, torna-se importante o conhecimento do comportamento da literatura científica para a produção de indicadores que nortearão o estabelecimento da política nacional de pesquisa e ensino dos países. Esses indicadores, também, auxiliam na verificação da potencialidade de um determinado grupo de pesquisa (OLIVEIRA ET AL., 1992, p. 239). Para realização deste diagnóstico, utilizam-se técnicas específicas de avaliação que, segundo Vanti (2002, p. 153), compõem os campos da Bibliometria, Cienciometria, Informetria e Webometria que juntas são comumente chamadas de Metrias.

Tague-Sutcliffe (1992, p. 1), citado por Guedes (2012, p. 78), afirma que a Bibliometria “é o estudo dos aspectos quantitativos dos processos de produção, disseminação e uso da informação registrada” além de visar a “prospecção e tomadas de decisão”; a Cienciometria envolve os “estudos quantitativos da ciência como uma disciplina ou atividade econômica, sobrepondo-se à Bibliometria”; e a Informetria refere-se ao “estudo dos aspectos quantitativos da informação, em qualquer formato”. Já a Webometria, Vanti (2002, p. 156) afirma que são os estudos desenvolvidos em relação a conteúdos e a estruturas de *home-pages* na Web, é uma aplicação da Informetria na Web.

4.1 BIBLIOMETRIA

De acordo com Guedes (2012, p. 101), a “Bibliometria é uma ciência constituída por leis e princípios empíricos estatísticos que contribuem para o estabelecimento da fundamentação teórica da área de Ciência da Informação.” Utiliza métodos matemáticos e estatísticos como ferramenta para gerar diferentes indicadores ligados à produtividade de periódicos e autores, à frequência de ocorrência de termos, entre outros fenômenos, a fim de auxiliar na tomada de decisão na gestão da informação e do conhecimento (GUEDES, 2012).

Santos; Melo (2012, não paginado) afirma que Bibliometria é um “conjunto de leis, princípios e técnicas baseados na observação, utilizando métodos matemáticos e estatísticos par investigar, avaliar e quantificar os processos de comunicação científica”. Por sua vez, Braga (1974, p. 7) menciona que “[...] a Bibliometria examina, primeiramente, as relações entre diferentes variáveis: recursos humanos-documentos, artigos-periódicos, produção-consumo etc, que apresentam diversas regularidades de distribuição”.

Parece unanimidade entre os pesquisadores que o termo Bibliometria utilizado como definido por Guedes (2012) foi introduzido por Pritchard (1969), no artigo “*Statistical bibliography or bibliometrics?*”. Pritchard (1969) fazendo um retrospecto da utilização do termo, verifica que o termo *Statistical Bibliography* foi usado pela primeira vez em 1922 por E. Wyndham Hulme, para denotar esclarecimentos sobre processos científicos e tecnológicos por meio de contagem de documentos. Observa, ainda, que este termo não foi bem aceito pelos pesquisadores da área e sugere que o termo Bibliometria definiria melhor a aplicação de métodos matemáticos e estatísticos a livros e outros meios de comunicação.

No entanto, já em 1934, Paul Otlet ao publicar o *Traité de Domumentation* havia utilizado a palavra Bibliometria, significando “a parte definida da Bibliografia que se ocupa da medida

ou da quantidade aplicada ao livro” (OTLET, p. 20), ou seja, atribuía outro sentido ao mesmo termo. Segundo Urbizagástegui Alvarado (2007), Otlet estava interessado em criar uma nova disciplina científica, que chamou de Bibliologia e Bibliometria, tendo em vista que, considerava a medida em qualquer área do conhecimento é uma forma superior de abordagem, justificando constituir a Bibliometria, as medidas relativas ao livro e ao documento. Nesta época confundia-se Bibliometria com mera estatística sobre livros. (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2007).

Sob essa perspectiva, Guedes (1992, p. 38) concorda que a concepção de “Paul Outlet referia-se à mensuração física do livro, demonstrando preocupação com as características extrínsecas do livro, em contraste com a abordagem de Pritchard que revela preocupação com as características intrínsecas, isto é com a informação registrada”.

Além de Otlet, Urbizagástegui Alvarado (2007) esclarece que a aplicação de métodos estatísticos à análise da literatura aconteceu bem antes da introdução do termo, em 1969, por Pritchard. Enumera diversos estudos realizados por pesquisadores como: Cole e Eales em 1917; Dresden em 1922; Hulme em 1923; Lotka (1926); Gross e Gross em 1927; Bradford em 1934; Zipf em 1935; Gosnel em 1943; Boig em 1952; Burton e Kebler em 1960 e muitos outros.

Le Coadic (2007) também defende que buscou-se cedo descrever os fenômenos informacionais quantitativamente, quando destaca que

A aplicação da matemática e da estatística à Ciência da Informação data dos anos 1920. Apareceram então as primeiras leis científicas: leis no sentido de relações quantitativas relativamente constantes e possíveis de serem expressos sob a forma de funções matemáticas que estabelecem as relações universais necessárias entre o surgimento de um fenômeno e as condições do seu aparecimento, permitindo fazer previsões. (LE COADIC, 2007, p. 219-220).

Uma das leis que Le Coadic (2007) se refere é a lei do inverso do quadrado de Alfred Lotka de 1926, relacionada à produtividade de autores em artigos científicos, que se fundamenta na hipótese de que, numa especialidade científica, um pequeno número de cientistas tem grande produtividade e um grande número tem pequena produtividade. Outra lei é a formulada por Bradford em 1934 “[...] que permite estimar o grau de relevância de periódicos, em uma área do conhecimento, os quais produzem maior número de artigos sobre o assunto e formam um núcleo de periódicos, supostamente de maior qualidade ou relevância para aquela área” (GUEDES, 2012, p. 81). As leis de Zipf, de 1935, referem-se à frequência de ocorrência de

palavras, em um determinado texto, de grande relevância em procedimentos de indexação automática.

Le Coadic (2007) apresenta também a pesquisa de Dereck J. de Solla Price, datada de 1976, sobre um modelo probabilístico que explica diferentes fenômenos característicos das “produções bibliométricas”. Além das leis citadas por Le Coadic, Guedes (2012, p. 95) acrescenta “outros estudos e conceitos aplicados à Bibliometria” como aqueles ligados à frente de pesquisa e colégios invisíveis; fator de imediatismo ou de impacto; acoplamento bibliográfico e co-citação; obsolescência da literatura e vida-média; lei do elitismo; teoria epidêmica de Goffman e lei dos 80/20.

Dentre essas leis e técnicas destacam-se, para o interesse dessa pesquisa, a técnica de Vida Média e Obsolescência da Literatura, usada em consonância com a técnica de análise de citações.

4.1.1 Análise de Citações

Segundo a NBR 10520 da ABNT (2002), citação é menção de uma informação extraída de outra fonte. Braga (1972) afirma que citação é um conjunto de uma ou mais referências que evidenciam relações entre as partes do texto do documento citado e do documento citante. A autora relata que o hábito de referenciar outros trabalhos nasceu no século XVII juntamente com o aparecimento dos primeiros periódicos científicos. Apesar de não haver regras prescritas, os cientistas desenvolveram a citação de trabalhos de outros pesquisadores, devido ao hábito destes em trocar correspondências para fins científicos.

Marshakova (1981, p. 13) defende que a análise de citações é utilizada como uma ferramenta adicional para a recuperação da informação, classificação automática e como uma medida de avaliação da produtividade científica dos autores e determinação do *status* de revistas científicas.

Para Foresti (1990, p. 54), as citações bibliográficas ou referências bibliográficas têm diversas funções na comunicação científica. Ele destaca que para Solla Price (1974) estas funções são: contribuir para o desenvolvimento da ciência; prover o reconhecimento de um cientista por seus colegas; estabelecer os direitos de propriedade; julgar os hábitos no uso da informação e mostrar a literatura indispensável para o trabalho dos cientistas.

Similarmente, Foresti (1990, p.54), aponta os diversos fatores, destacados por Weinstock

(1985), que podem influenciar na escolha de citações tais como: citar os autores de renome para realçar o seu trabalho; dividir a responsabilidade; indicar apreço a colegas; habilitar ou criticar a concorrentes ou em obediência à política editorial.

A análise de citações é uma área importante da Bibliometria, uma vez que “[...] permite a identificação e descrição de uma série de padrões na produção do conhecimento.” (ARAÚJO, 2006, p. 18). Pela análise de citações pode constatar quais são os autores e periódicos mais citados, fator de impacto, produtividade, grau de obsolescência e vida média da literatura, em uma área do conhecimento, entre outros.

Também, de acordo com Araújo (2006, p. 18), a análise de citações surgiu no século XVII, porém, a utilização da técnica de contagem de citações e referências surgiu em 1927 no estudo de Gross e Gross, seguido por Allan, em 1929, e por Gross e Woodford, em 1931.

O primeiro índice de citação foi publicado em 1963, o *Science Citation Index*, de autoria de Eugene Garfield, fundador de *Institute of Science Information (ISI)*, que mantém bases de dados de citações, cobrindo milhares de periódicos acadêmicos. Garfield em seu livro *Citation indexing: its theory and application in science, technology, and humanities*, publicado em 1979, menciona cinco medidas de citação para periódicos. A primeira, a mais básica, refere-se ao número de vezes que o periódico foi citado, outra medida é o fator de impacto. Outras duas medidas são ligadas à quantificação da citação a si mesmo - *self-citing*: ou seja, a porcentagem de referências feitas ao artigo publicado na própria revista. A quinta medida é o índice de urgência, o qual demonstra a rapidez com que o artigo de um periódico é utilizado, através do número de citações recebidas no ano de sua publicação.

Em suma, a Bibliometria, enquanto campo científico que abrange teoria e métodos quantitativos de investigação de fenômenos presentes na comunicação científica, utiliza-se da análise de citações como principal ferramenta para obtenção de indicadores em campos especializados do conhecimento.

No caso desse trabalho, os índices ligados à Vida-Média e Obsolescência da Literatura, foram obtidos a partir de levantamento, utilizando-se essa ferramenta.

4.1.2 Vida-Média e Obsolescência da Literatura

O interesse crescente pelo estudo bibliométrico sobre o crescimento, a obsolescência e a dispersão da literatura científica ocorreu, segundo Queiroz (1979), pela impossibilidade de

manipulação de documentos publicados, devido ao crescimento e o acúmulo progressivo.

A Vida-Média e a Obsolescência da Literatura é um estudo considerado pelos especialistas como importante e que utiliza a análise de citações. Essa técnica investiga o tempo em que a literatura em uma determinada área do conhecimento torna-se pouco utilizada, ou seja, investiga o declínio do uso de uma determinada literatura.

No artigo *Interpretação dos dados estatísticos da SciELO (Cientific Eletronic Library Online)*, Goldenberg, Castro e Azevedo (2007, p. 5) afirmam que “o indicador de vida-média das citações (*cited half-life*) é uma das medidas de obsolescência da literatura científica [...]” e na SciELO, esse indicador é apresentado como “distribuição cronológica de citações de revistas citantes”. Diante destas afirmações, surge a necessidade de responder aos questionamentos referentes ao surgimento do termo e como foi cunhado entre os pesquisadores na área.

O termo “obsolescência”, segundo Urbizagástegui Alvarado (2009), foi utilizado pela primeira vez no trabalho de Gross e Gross, em 1927, ao analisarem as referências do periódico *Chemical Literature*, quando observaram que o número de referências caía pela metade após 15 anos da publicação. De acordo com Urbizagástegui Alvarado (2009), posteriormente, Gosnell (1934) estudou dezenove áreas diferentes e postulou a hipótese de que geralmente os livros mais velhos têm menor valor do que aqueles mais recentes. Sustentava ainda “que as causas da mortalidade ou obsolescência dos livros são muitas, variando desde a pura moda até a extensão do conhecimento científico, mudanças tecnológicas e mudanças fundamentais em nossa civilização” (URBIZAGÁSTEQUI ALVARADO, 2009, não paginado).

Burton e Kebler (1960) afirmam que o termo vida-média ficou em evidência desde o encontro *International Conference on Scientific Information*, realizado em Washington, em novembro de 1958 e que, a partir daí, começou a ser muito utilizado pelos documentalistas e bibliotecários no campo de Documentação. Este termo é uma analogia ao termo familiar para os físicos e engenheiros nucleares que o utilizam para descrever o tempo que as substâncias radioativas entram em decomposição. No entanto, os documentalistas usam o termo vida-média para definir o tempo necessário para obsolescência da metade da literatura atualmente publicada (BURTON; KEBLER, 1960, p. 19). No caso de literatura, ela não se decompõe, simplesmente se torna sem uso; porém, não se torna inutilizável, mas sim obsoleta.

Segundo Barboza (1978), na área da Física, para o material radioativo com duas ou mais substâncias radioativas, a curva de declínio é composta por uma série de vidas-médias em variação. Em analogia ao conceito na Física, Barboza (1978) afirma que a literatura científica pode ser composta por uma ou mais tipos de literaturas que podem ter suas vidas-médias distintas. As áreas podem ainda ter vida-média curta ou longa; ou seja, Barboza distingue a literatura efêmera (publicações mensais ou semanais) da literatura clássica com, respectivamente, meia-vida curta e longa. A validade desta analogia pressupõe a possibilidade de prognóstico referente ao período em que a literatura científica pode ser utilizada. Assim, o cálculo da vida-média pode auxiliar na orientação à gestão de unidades de informação, particularmente na área de formação e desenvolvimento de coleções e nos serviços de referências.

Urbizagástegui Alvarado (2009) afirma que Line, em 1970, observando o aumento de interesse em conhecer melhor o fenômeno da obsolescência da literatura, tentou precisar o significado de vida-média comumente utilizada. Observou que “se a taxa de crescimento das coleções em uma biblioteca é mais rápida ou mais lenta do que a taxa de crescimento de literatura produzida na área em estudo, a vida-média, no primeiro caso, poderia ser demasiado grande e, demasiado pequena no segundo caso”, ou seja, a vida-média de uma determinada literatura é composta pela taxa de obsolescência e pela taxa de crescimento da literatura (URBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, 2009).

Referindo-se aos problemas no resultado referente a estes estudos, também Line (1970), citado por Urbizagástegui Alvarado (2009), destaca que apesar disso, estes estudos não invalidam o seu valor e podem ser utilizado por bibliotecários, servindo de parâmetro na retenção ou descarte dos documentos.

Segundo Coimbra (2011), verificou-se que, a literatura em língua portuguesa de Bibliometria apresenta alguns trabalhos sobre a vida-média da literatura científica, aplicadas a diferentes áreas do conhecimento como: Carvalho em 1975, na literatura de Química; Souza em 1988, na literatura de Arqueologia; Borinelli em 2005, na literatura de Comércio Exterior; Félix; Santos e Mello em 2008, na literatura de Botânica. Ainda, o trabalho da própria Coimbra em 2011, na área de Antropologia Social; Santos e Mello, em 2012, também na literatura de Botânica; Silva em 2012, na literatura de Direito.

Conforme já mencionado anteriormente, no presente trabalho, a análise de citações para o cálculo da vida-média foi realizado nas teses e dissertações apresentadas ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ. Esse tipo de material é classificado como Literatura Cinzenta, estudada na seção a seguir.

4.2 LITERATURA CINZENTA

O hábito de codificar a literatura de um modo geral através de cores foi utilizado inicialmente na Inglaterra, na identificação de novelas de edições pouco valorizadas e de baixo custo, como as *yellow* – as amarelinhas. A partir de 1899, as publicações oficiais inglesas, impressas em papel branco, começaram a ser reconhecidas como *white papers* e, a partir de 1967, os documentos destinados a discussões governamentais passam a ser chamados de *green papers*. Esta tendência foi se difundindo pelos diversos países da Europa e Estados Unidos. (POBLACIÓN, 1992, p. 243).

Na Documentação, a partir da invenção da imprensa, houve a explosão de publicações, sobretudo após a segunda Guerra Mundial. Estas publicações são, principalmente, documentos convencionais, como livros e periódicos, e documentos não-convencionais que circulavam em eventos e informalmente entre especialistas.

Os documentos não-convencionais permitem a agilização na comunicação entre os membros de colégios invisíveis e são muito utilizado entre eles. Segundo Forskett e Hill (1989), citado por Población (1992), cerca de 90% das informações entre os cientistas são provenientes deste tipo de literatura. Estes documentos recebem várias denominações tais como literatura cinzenta, literatura fugitiva, literatura invisível, informal e efêmera (POBLACIÓN, 1992, p. 243). Portanto, a literatura cinzenta é uma forma de comunicação científica informal.

Gomes, Mendonça e Souza (2007, p. 97) afirmam que a literatura cinzenta recebeu esta denominação por sua contraposição em relação aos documentos designados como *literatura branca*, documentos convencionais ou formais. Esses autores mencionam ainda, que a literatura cinzenta “é usada para designar documentos não-convencionais e semipublicados, produzidos nos âmbitos governamental, acadêmico, comercial e industrial”.

A literatura cinzenta não é uma forma recente de comunicação científica, já no início do século XX era conhecida como *little literature*. A denominação de *gray literature* - literatura cinzenta - foi consagrada, em 1978, em uma reunião organizada pela antiga *British Library*

Lending Division no Seminário de York, no Reino Unido (GOMES; MENDONÇA; SOUZA, 2007, p. 98). Entretanto, Población (1992) verificou que esse tipo de literatura já vinha sendo aceita pela comunidade científica, em vários países da Europa e dos Estados Unidos, como processo de comunicação desde o final do século XIX.

Apesar do termo literatura cinzenta inicialmente se referir a relatórios técnicos e de pesquisa, hoje, as publicações governamentais, traduções avulsas, *preprints*, literatura originada de encontros científicos como anais de congressos, dissertações e teses são igualmente considerados literatura cinzenta, tendo como principais características a não-disponibilidade comercialmente; a tiragem reduzida; trazem informações altamente atualizadas e não são objeto de depósito legal e nem recebem numeração internacional padronizada como ISSN ou ISBN (GOMES; MENDONÇA; SOUZA, 2007, p. 98 e 99).

No que se refere a anais de congressos e *proceedings*, deve-se considerar a tendência atual de atribuição de ISSN ou ISBN, como estratégia de caracterização dessa tipologia de literatura como canal de comunicação formal.

As teses de doutorado e dissertações de mestrado são produtos das atividades de pós-graduação, uma pesquisa original ou não sobre determinado tema com o propósito de obtenção de graus acadêmicos, como títulos de doutor e mestre.

Teses e dissertações tiveram origem nas universidades medievais, mais especificamente no século XII. Era conferido o título de mestre àqueles aprovados em uma votação simples, após a exposição oral, auxiliado por um patrocinador, sobre temas escolhidos no momento pelo grupo de examinadores. A aprovação indicava que o candidato dominava o assunto da sua área de conhecimento. O termo doutor era conferido aos membros de órgãos da administração superior, não havendo significado como nível de capacitação acadêmica. O título de doutor, como titulação de uma educação acadêmica aprofundada, surgiu no século XIX, na Alemanha e é amplamente utilizado hoje, quase que universalmente (CAMPELLO, 2007, p. 123).

No Brasil, o termo dissertação se refere à produção acadêmica para a obtenção do título de mestre e tese para o título de doutor. Porém, isto não se aplica sempre a outros países. Na Grã-Bretanha, geralmente, verifica-se o uso do termo tese para descrever todo o gênero, independentemente do grau acadêmico, enquanto que nos Estados Unidos e na Europa continental o termo utilizado é dissertação (CAMPELLO, 2007, p. 121).

Os cursos de pós-graduação são oferecidos para capacitação de professores para o ensino superior e formar pesquisadores e profissionais de alta qualificação, em várias áreas de conhecimento. Para obter o título de mestre, o aluno deve “elaborar uma dissertação consistindo em um trabalho de pesquisa que demonstre sua capacidade de sistematização e domínio do tema e da metodologia científica” (CAMPELLO, 2007, p, 121). Para obter o grau de doutor, é necessário que o aluno apresente um trabalho original, além de produzir uma revisão bibliográfica adequada e sistematização das informações existente. As teses e dissertações são consideradas, segundo Swales (1990) citado em Guedes (2012), um rito de passagem ou uma qualificação bem sucedida que capacita o titular a deixar o ambiente universitário em direção a outro ambiente.

Uma das características de teses e dissertações é não haver ligação com um sistema de publicações e distribuição comercial, na maioria dos casos, apesar de alguns temas de interesse mais amplo serem publicados em livros. Hoje no Brasil, a publicação de teses e dissertações em formas de artigos de periódicos científicos é estimulada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (CAMPELLO, 2007, p. 125).

5 ÁREA DE CIÊNCIA DA LITERATURA

A palavra literatura formou-se da palavra latina *littera*, letra ou caráter da escritura e traduz uma palavra grega que significa a arte que concerne às letras, à arte de escrever e ler (CASTRO, 1985, p. 33).

Hill (1985, p. 26) afirma que “Literatura é arte da palavra. [...] Uma palavra em sua constituição explícita, é composta de sons, unidades mínimas que se denominam fonemas”. E os signos linguísticos se inter-relacionam compondo-se em unidades sintáticas adquirindo um significado mais amplo. Hill (1985, p. 27) observa que as composições do discurso se estruturam nos materiais de “arte da palavra” que se baseiam nos pontos de vista fonético, morfológico e semântico. Do ponto de vista, fonológico a emissão de uma palavra pode apresentar um efeito harmonioso ou dissonante. Do ponto de vista da estruturação da língua, a palavra como unidade isolada interrelaciona-se com o significado de demais palavras e passa a ter uma função específica. Conforme Hill (1985, p. 17), “Ultrapassa-se a materialidade do vocábulo e ingressa-se num estágio de abstração. E aí já se pode começar a falar em arte literária, que busca seus sons fundamentais na própria arte da vida”.

De acordo com Silva (1976, p. 26), apesar de muitos autores de manuais de poética e retórica dos séculos XVI, XVII e XVIII se basearem em Aristóteles, para fazer as reflexões das análises sistemáticas sobre a natureza e os caracteres da linguagem literária, foi sobretudo, em autores simbolistas e pós-simbolistas e com os movimentos de crítica literária de formalismo russo bem como o *new criticism* norte-americano, que se desenvolveram os estudos sobre as qualidades específicas e diferenciais da linguagem literária, numa procura persistente da literariedade (elementos e valores que simbolizam o discurso literário).

Conforme Silva (1976, p. 27) diversos autores definem a literariedade como sendo a manifestação, ou seja, o produto de uma das funções da linguagem verbal. Estas funções são representação, expressão, apelo e a *função estética*, esta última acrescida pelo Karl Bühler, e afirma que esta nova função opõe-se a outras precedentes, as quais são orientadas para instâncias exteriores à língua e para fins que ultrapassam o sinal linguístico, ou seja, estas têm funções práticas, enquanto que a *função estética* coloca o próprio sinal no centro da atenção. Silva (1976, p. 28) cita ainda Mukarovsky (1936) que afirma que a função estética e as funções práticas não se excluem, toda a obra poética comporta a presença das funções práticas

e ainda a função estética está implicada em todo o ato linguístico. Nesse sentido, Roman Jakobson (1960, p. 350-377) considera seis funções na linguagem verbal:

- a) A função referencial (ou “denotativa” ou, ainda, “cognitiva”), orientada para o *referente*, o *contexto* [...]
- b) A função *expressiva* ou *emotiva*, centrada sobre o sujeito emissor e caracterizada por ser “uma expressão direta da atitude do sujeito em relação àquilo de que fala”;
- c) A função *conativa*, orientada para o destinatário ou sujeito receptor, e que tem como finalidade atuar sobre este mesmo sujeito, influenciando o seu modo de pensar, o seu comportamento, etc.;
- d) A função *fática*, ou seja, a função que tem como objetivo “estabelecer, prolongar ou interromper a comunicação” [...];
- e) A função *metalinguística*, que se verifica “quando o emissor e/ou o receptor necessita de averiguar se ambos usam o mesmo código”, isto é, o mesmo sistema de sinais [...];
- f) Finalmente, a função *poética*, centrada sobre a própria mensagem: [...]. A função poética é a função dominante, mas não exclusiva, da linguagem literária, ao passo que noutras formas de atividade verbal o seu papel é secundário. (JAKOBSON, 1963, p. 350-377 apud SILVA, 1976, p. 29-30)

Ainda, segundo Silva (1976, p. 34), Hjelmslev (1968) estabelece uma distinção entre linguagens de denotação, ou seja, nem no plano de conteúdo nem no plano de expressão a linguagem constitui por si só uma linguagem; e de conotação, cujo plano de expressão somente, já é uma linguagem. Assim, linguagem literária constitui uma linguagem de conotação, pois o seu plano de expressão é constituída por uma linguagem de denotação. Todo escritor se situa numa dada tradição linguística e também “[...] numa determinada tradição retórico-estilístico, técnico-literária, temático-literária a que ele pode aderir, que ele pode transformar ou com a qual pode romper [...]” (SILVA, 1976, p. 34).

Outra lei fundamental de toda a criação literária é o *paragramatismo*, que é a absorção de uma multiplicidade de textos na mensagem poética, ou seja, o autor em menor ou maior grau confronta-se com outros textos literários negando, deformando ou revitalizando. Ainda, o texto literário é *cronótipo*, uma mensagem depende dos múltiplos códigos culturais não-literários numa dada época e numa dada sociedade, e entre estes códigos estão as ideologias que “[...] coinvolvem os sistemas de atitudes psicológicas, de posturas mentais, de convicções sócio-políticas, de princípios éticos e religiosos que caracterizam um indivíduo e o grupo em que se integra” (SILVA, 1976, p. 35).

Roman Ingarden (1973) citado por Silva (1976, p. 36), transcorreu sobre a estrutura essencial da obra literária e observou que a estrutura específica da obra literária reside no fato de ser uma produção constituída por vários estratos heterogêneos que se distinguem entre si pelo

material característico e função que cada um desempenha. Dividindo-se assim os estratos constitutivos:

- 1) o estrato das *sonoridades verbais* e das *formações sonoras* de grau superior, configuradas a partir daquelas;
- 2) o estrato das *unidades de significação* de diverso grau;
- 3) o estrato dos múltiplos aspectos esquematizados e das continuidades e das seqüências de aspectos;
- 4) o estrato das *objectualidades representadas*, cuja função mais importante consiste na revelação de algumas qualidades metafísicas [...]. (SILVA, 1976, p. 37)

Sobre a característica do discurso literário, Silva (1976, p. 50), cita o trabalho de Philip Wheelwright (1968), que destaca a *plurissignificação* ou o pluri-isotópica, ou seja, na linguagem literária o signo linguístico, os sintagmas, as frases e as seqüências transfrásicas são portadores de múltiplas dimensões semânticas.

Segundo Soares (1985, p. 90), o conhecimento literário não pode prescindir de uma base teórica que o sustente. A teoria literária fornece elementos para a apreensão do fenômeno literário, como a linguística ao estudo das línguas, e salienta que é imprescindível que esteja em contato profundo e constante com o texto literário, assim como não há estudos linguísticos desligado da comunicação verbal.

A literatura caracteriza-se pela pluralidade de sentidos, aberta a múltiplas dimensões do seu objeto de estudo, assumindo assim o caráter interdisciplinar e ao mesmo tempo independente. Ela assimila conhecimentos voltados para manifestações do ser e do fazer humano das ciências afins como a sociologia, a antropologia, a linguística, a psicanálise.

Apresentar a teoria de um objeto literário significa que constituiu um método de estudo decorrente do próprio objeto, ou seja, que estruturou a ideia de caminho para e por onde. Após esta constituição da teoria e delineamento do método procede-se ao exercício crítico. A palavra crítica tem dupla significação, de negatividade e positividade. Apesar de ressaltar o sentido negativo da palavra crítica e ter se tornado o mais usual, etimologicamente significa “separar para distinguir”. Portanto, a função de crítica literária é caracterizar obras “através da distinção dos elementos que compõem e a identificam na sua diferença” (SOARES, 1985, p. 91).

Ainda de acordo com Soares (1985, p. 92), os estudos de teoria literária, evolução da literatura, literatura comparada e fundamentos da cultura literária foram rotulados de “Ciência da Literatura”. Isto faz pensar que as diferentes modalidades de consciência literária sejam

uma operação científica, lógica e matematicamente processada. O modelo literário não pode ser tomado como um esquema fixo, porém dinâmico e aberto, cada modelo de investigação é único e existem inúmeras possibilidades que o texto sustenta.

Os caminhos da crítica literária são muitos, como “testemunho, ampliação, recriação, análise, interpretação...”, segundo Soares (1985, p.92), através da observação dos processos estruturados da obra articulada histórica e literariamente. O investigador precisa ter consciência que a sua via de acesso à obra não é única, pois que sempre haverá uma nova ótica, num trabalho de atualização constante. Soares (1985) ainda afirma que

Assim, a crítica conjuga um modo de ser (da obra) com um modo de ver (do crítico), ambos plantados historicamente. E, por isso, cada concepção teórica implica um conceito de literatura, que distinguirá os diferentes comportamentos críticos. (SOARES, 1985, p. 92).

Assim, o crítico literário é um pesquisador que vive num determinado contexto social e histórico, os caminhos escolhidos e o viés da sua crítica são influenciados por este meio.

Na UFRJ existem cursos de pós-graduação na área de Ciência da Literatura no âmbito do Programa Pós-Graduação (PPG) em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras.

O PPG em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ oferece cursos de mestrado e doutorado com a duração máxima de dois anos e quatro anos respectivamente.

Este Programa, criado em 1970, portanto, com 43 anos de existência tem como objetivo, segundo informações que constam de sua *homepage*, oferecer uma formação teórico-crítica consistente, que assegure condições de participação ativa nos debates nacionais e internacionais sobre fenômenos literários e sua interface com as demais produções artístico-culturais. Igualmente promover a circulação e o intercâmbio de conhecimentos e experiências pelos núcleos e grupos de pesquisa.

Está dividido em três áreas: Teoria Literária, Literatura Comparada e Poética. Essas áreas se multiplicam em sete linhas de pesquisa que se expande em onze grandes núcleos de pesquisa (PPG em Ciência da Literatura, UFRJ, 2014). As áreas de concentração constituem territórios teórico-práticos específicos com autonomia, porém com transdisciplinalidade.

Estas sete linhas de pesquisa é que garantem a pluralidade do debate estético, favorecendo a floração de resultados consistentes, assim repercutindo no plano nacional e internacional, além de oferecer uma sólida formação dos estudantes.

A área de Teoria Literária tem o objetivo de “ampliar e complexificar o espaço da teoria e da crítica literárias” (PPG em Ciência da Literatura, UFRJ, 2013), com as contribuições da filosofia e da história, da psicanálise, da sociologia e da antropologia.

A Literatura Comparada segundo PPG em Ciência da Literatura (2013), “busca refletir sobre a produção literária e cultural dos diversos povos e comunidades, assim como sobre as relações entre esses diferentes tipos de discursos”, dialogando com os discursos como a da Teoria, da Crítica e da Historiografia, além das oriundas de outras áreas do conhecimento, especialmente das Ciências Humanas e Sociais.

A Poética “integra as pesquisas que privilegiam o estudo das múltiplas expressões e linguagens artísticas, problematizando tanto suas condições de produção e difusão na cena cultural quanto a própria reconfiguração da experiência estética.” (PPG em Ciência da Literatura, UFRJ, 2013).

Ainda na sua página, afirma que o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura tem a preocupação tanto na tradição quanto na arte e a literatura contemporâneas. A articulação do presente com o passado comprovada na sua produção intelectual leva ao sucesso e consistência acadêmica do Programa.

6 METODOLOGIA

Esta investigação se caracteriza como um estudo exploratório e comparativo na área da Ciência da Literatura, utilizando-se a técnica bibliométrica de Análise de Citações, segundo a variável Vida-Média e Obsolescência da Literatura Científica, de acordo com a abordagem técnica de Burton & Kebler.

O estudo da Vida-Média e Obsolescência da Literatura da área Ciência da Literatura foi realizado a partir das teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, coletando dados em período diacrônico, cobrindo os anos de 2007 a 2008 e 2011 a 2012, respectivamente.

Em síntese, o presente trabalho consiste em pesquisa quantitativa aplicada. Quantitativa, por ter como objeto de estudo dados quantitativos, ou seja, que podem ser delimitados e mensurados. Aplicada, por ter como objetivo a produção de conhecimentos para aplicação prática, para a solução de problemas específicos (KAUARK, 2010 apud SILVA, 2013, p.23).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Baseado no trabalho de Félix, Santos e Mello (2008) e em Coimbra (2011), adotou-se as seguintes etapas:

- a) Etapa 1: Levantamento de citações – constou da coleta de citações existentes na seção Referências das teses e dissertações dos anos de 2007/2008 e 2011/2012. Consistiu em:
 - ✓ Computar número de trabalhos concluídos no período, distinguindo entre teses e dissertações;
 - ✓ Computar a quantidade e média de citações por documentos;
 - ✓ Identificar o tipo de suporte utilizado pelos autores;
 - ✓ Identificar e classificar os tipos de documentos, tais como livros, periódicos, teses e dissertações, comunicação em congressos etc;
 - ✓ Identificar e classificar o ano da edição dos documentos;
 - ✓ Limitar o estudo de Vida-Média somente a referências a livros, identificadas como a tipologia documental mais utilizada pela comunidade, durante a coleta de dados.

b) Etapa 2: Organização dos dados – os dados foram organizados em quadros para facilitar a análise e discussão.

- ✓ Quadros 1 e 2 são detalhamentos do universo coletado;
- ✓ Quadros 3 são organizados por tipos de documentos utilizados e o número de citações por documentos nos dois períodos;
- ✓ Quadro 4 e 5 explicitam tipos de suportes documentais nos dois períodos;
- ✓ Quadros 6 e 7 são dados somente de livros e capítulos de livros, em suportes físicos e eletrônicos, onde contém ano de citações, quantidade de citações (N), somatória de N ($\sum N$), porcentagem em relação a $\sum N$ e somatória de porcentagem $\sum \%$, em dois períodos distintos;
- ✓ Os quadros 6 e 7 são representados em gráficos 1 e 2 respectivamente, para melhor visualização do comportamento da utilização das informações na área.

c) Etapa 3: Identificação e cálculo da vida-média

O cálculo da vida-média foi realizado segundo as orientações de Burton e Kebler (1960), selecionando-se a coluna referente a somatório do número de citações, $\sum N$. Ao resultado obtido procedeu-se à divisão por dois, que corresponde a 50% da literatura (metade da literatura). Localizou-se, então, esse valor, ou o mais próximo, no quadro correspondente. A partir desse ponto, contou-se o número de anos, no sentido do início do quadro, número esse, em anos que corresponde à vida-média da literatura. Esse ponto corresponde ao ano em que a utilização da literatura vai começar a decair, ou seja, a informação passa a ficar obsoleta.

7 RESULTADOS

Para a síntese e representação gráfica dos resultados obtidos na presente pesquisa, foram gerados quadros e gráficos que serão analisados e interpretados nas seções a seguir.

7.1 RESULTADOS E ANÁLISES DO UNIVERSO COLETADO

Conforme mencionado anteriormente foram coletados dados em período diacrônico, cobrindo os anos de 2007 a 2008 e 2011 a 2012. O quadro 1, a seguir, apresenta os números parciais e totais dos documentos analisados nesses períodos.

Quadro 1
Dados coletados
2007/2008 – 2011/2012

Tipo de documento	2007	2008	2011	2012	Total	%
Dissertação	25	15	11	26	77	65,3
Tese	13	9	10	9	41	34,7
Total	38	24	21	35	118	100,0

O quadro 1 demonstra que os dados coletados nas 77 dissertações e 41 teses apresentadas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ nos biênios 2007/2008 e 2011/2012, perfazendo o total de 118 documentos analisados, sendo 65,3% desse total de dissertações e 34,7% de teses.

O quadro 2, a seguir, apresenta o total de citações coletadas nas dissertações e teses, nos períodos de 2007/2008 e 2011/2012.

Quadro 2
Citações coletadas
2007/2008 – 2011/2012

Tipo de documento	2007	2008	2011	2012	Total	%
Dissertação	1.697	1.136	878	1.971	5.682	39,5
Tese	3.235	1.256	2.610	1.607	8.708	60,5
Total	4.932	2.392	3.488	3.578	14.390	100,0

De acordo com o quadro 2, nesses períodos, foram coletadas 14.390 citações, sendo que 5.682 citações contidas em dissertações e 8.708 citações em teses que representam respectivamente, 39,5% das citações coletadas nas dissertações e 60,5% nas teses.

Esse resultado mostra, como esperado, que embora o número de teses seja bem menor do que o número de dissertações 34,7% e 65,3% (cf. quadro 1), respectivamente, as teses apresentam um número superior de citações, ou seja, 60,5% das citações nas teses e 39,5% nas dissertações. Tal fato está ligado à profundidade da investigação que é muito maior na tese.

No período pesquisado a média de citações em dissertações e em teses é de **73** para as citações encontradas nas dissertações e **212** nas teses, respectivamente. Em relação às médias de citações encontradas nas dissertações observou-se que, 41,6% das dissertações apresentam número de citações acima da média de citações (73) e 58,4% das dissertações apresentam citações abaixo da média (73). Em relação às médias de citações encontradas nas teses, verificou-se que, 20% dos autores de teses encontram-se acima da média de citações encontrada para teses (212), enquanto que, 80% das teses encontram-se abaixo da média encontrada para as teses (212). A média alta de citações encontradas nas teses, 212 citações, pode estar ligada ao fato de que uma tese, excepcionalmente, apresentou 1084 citações, o que faz justificar que apenas 20% das teses atingiram essa média.

Quadro 3
Tipologias documentais – Nº de citações
2007/2008 – 2011/2012

TIPOLOGIA	2007	2008	N1	Σ N1	2011	2012	N2	Σ N2	N1+N2
Livros	3.053	1.776	4.829	4.829	2.529	2.237	4.766	4.766	9.595
Livros eletrônicos	13	3	16	4.845	18	15	33	4.799	49
Capítulo de livros	384	327	711	5.556	292	472	764	5.563	1.475
Capítulo de livros eletrônicos	5	0	5	5.561	7	4	11	5.574	16
Periódicos	522	100	622	6.183	227	185	412	5.986	1.034
Periódicos eletrônicos	21	16	37	6.220	65	43	108	6.094	145
Teses/dissertações	25	20	45	6.265	28	47	75	6.169	120
Teses/dissertações eletrônicos	1	0	1	6.266	5	2	7	6.176	8
Comunicação a congresso	13	15	28	6.294	14	12	26	6.202	54
Comunicação a congresso eletr.	2	3	5	6.299	4	1	5	6.207	10
Websites	103	77	180	6.479	113	103	216	6.423	396
Jornais	693	12	705	7.184	21	27	48	6.471	753
Jornais eletrônicos	15	3	18	7.202	2	216	218	6.689	236
Manuscritos	24	4	28	7.230	9	27	36	6.725	64
CDs/músicas	24	9	33	7.263	54	36	90	6.815	123
Filmes/DVDs	32	12	44	7.307	99	151	250	7.065	294
Pinturas/gravuras	2	15	17	7.324	1	0	1	7.066	18
Total	4.932	2.392	7.324	7.324	3.488	3.578	7.066	7.066	14.390

Legendas: N1: número de citações no período 2007/2008.
N2: número de citações no período 2011/2012.

Analisando-se o quadro 3, pode-se observar que ele apresenta um total de 14.390 citações classificadas em onze tipologias documentais, de acordo com suas similaridades. Observou-se que mais de 75% das citações analisadas, são citações a livros e capítulos de livros, tanto no primeiro como no segundo período da análise diacrônica, o que pode sugerir que, na área de Ciência da Literatura, utiliza-se principalmente literatura formal e consolidada, ou seja, o livro.

Diante disso, optou-se pela realização do cálculo da vida média na Ciência da Literatura, a partir da análise de citações a livros e capítulos de livros, como inovação metodológica em relação ao que é sugerido frequentemente na literatura sobre Bibliometria, que investiga a vida média da literatura pela análise de citações a artigos de periódicos.

O quadro 4 a seguir, indica os tipos de suportes documentais (relação da utilização dos documentos em suporte físico e documentos disponíveis na web) nos dois períodos analisados.

Quadro 4
Suportes documentais utilizados
2007/2008 – 2011/2012

Suporte	2007	2008	CITAÇÕES	%	2011	2012	CITAÇÕES	%
Documentos em suportes físicos	4.772	2.290	7.062	96,4%	3.274	3.194	6.468	92%
Documentos na web	160	102	262	3,6%	214	384	598	8%
Total	4.932	2.392	7.324	100%	3.488	3.578	7.066	100%

No quadro 4 foi identificado pouco uso de documentos disponíveis na web para a realização de pesquisas na área de Ciência da Literatura; entretanto, observou-se que esta utilização foi duplicada no período de quatro anos; ou seja, no segundo biênio analisado, utilizaram-se duas vezes mais documentos disponíveis na web em relação ao primeiro biênio.

O quadro 5 mostra o quantitativo de livros/capítulos de livros citados, assim como de artigos de periódicos em suportes físicos e eletrônicos.

Quadro 5
Livros/capítulo de livros e Artigos de Periódicos – Suporte físico ou eletrônico

TIPOLOGIA	2007	2008	TOTAL	%	2011	2012	TOTAL	%
Livros/Cap. de livros	3.437	2.103	5.540	99,62%	2.821	2.709	5.530	99,21%
Livros/Cap. de livros eletrônicos	18	3	21	0,38%	25	19	44	0,79%
Total	3.455	2.106	5.561	100,00%	2.846	2.728	5.574	100,00%
Periódicos	522	100	622	94,39%	227	185	412	79,23%
Periódicos eletrônicos	21	16	37	5,61%	65	43	108	20,77%
Total	543	116	659	100,00%	292	228	520	100,00%

Os resultados do quadro 5 revelam que, proporcionalmente, o suporte eletrônico é mais utilizado na pesquisa da área analisada, em artigos de periódicos, se comparado a livros e capítulos de livros. Isto pode ser justificado pela maior disponibilização na Web dos periódicos, facilitada pela utilização dos arquivos abertos tanto para publicar, como para ter acesso aos artigos.

Observou-se, no entanto, que existe uma tendência na área de Ciência da Literatura à utilização do livro ou do artigo de periódico em formato físico, conforme mostrado nos resultados do quadro 5, que mesmo os artigos de periódicos, apresenta um pouco mais que 5% no período de 2007/2008, e aproximadamente 21%, no período 2011/2012, em contrapartida ao suporte físico utilizado em escala bem maior nos períodos analisados.

7.2 CÁLCULO DA VIDA-MÉDIA

A pesquisa foi realizada em dois períodos distintos, representados pela totalidade da tipologia “livros” e “capítulo de livros”, tanto em suporte físico como eletrônico. O primeiro período analisado é constituído pelo biênio 2007/2008. Considerando o intervalo de dois anos, o segundo período é constituído pelo biênio 2011/2012.

7.2.1 Cálculo da vida-média no período 2007/2008

O quadro 6 a seguir, apresenta o cálculo da vida-média das teses e dissertações no campo da Ciência da Literatura, analisadas no período constituído pelos anos 2007/2008.

Quadro 6
Cálculo da Vida-Média
2007/2008

ANOS	N	Σ N	%	Σ %
2008	19	19	0,34%	0,34%
2007	50	69	0,90%	1,24%
2006	132	201	2,37%	3,61%
2005	223	424	4,01%	7,62%
2004	247	671	4,44%	12,07%
2003	244	915	4,39%	16,45%
2002	270	1.185	4,86%	21,31%
2001	223	1.408	4,01%	25,32%
2000	249	1.657	4,48%	29,80%
1999	236	1.893	4,24%	34,04%
1998	211	2.104	3,79%	37,83%
1997	235	2.339	4,23%	42,06%
1996	205	2.544	3,69%	45,75%
1995	194	2.738	3,49%	49,24%

14 anos

$$\frac{5.561}{2} = 2.780,5$$

continua

1994	181	2.919	3,25%	52,49%
1993	153	3.072	2,75%	55,24%
1992	138	3.210	2,48%	57,72%
1991	149	3.359	2,68%	60,40%
1990	123	3.482	2,21%	62,61%
1989	143	3.625	2,57%	65,19%
1988	122	3.747	2,19%	67,38%
1987	109	3.856	1,96%	69,34%
1986	101	3.957	1,82%	71,16%
1985	119	4.076	2,14%	73,30%
1984	78	4.154	1,40%	74,70%
1983	82	4.236	1,47%	76,17%
1982	82	4.318	1,47%	77,65%
1981	66	4.384	1,19%	78,83%
1980	71	4.455	1,28%	80,11%
1979	59	4.514	1,06%	81,17%
1978	82	4.596	1,47%	82,65%
1977	68	4.664	1,22%	83,87%
1976	53	4.717	0,95%	84,82%
1975	50	4.767	0,90%	85,72%
1974	57	4.824	1,02%	86,75%
1973	67	4.891	1,20%	87,95%
1972	49	4.940	0,88%	88,83%
1971	39	4.979	0,70%	89,53%
1970	29	5.008	0,52%	90,06%
1969	41	5.049	0,74%	90,79%
1968	35	5.084	0,63%	91,42%
1967	27	5.111	0,49%	91,91%
1966	14	5.125	0,25%	92,16%
1965	19	5.144	0,34%	92,50%
1964	15	5.159	0,27%	92,77%
1963	8	5.167	0,14%	92,91%
1962	12	5.179	0,22%	93,13%
1961	8	5.187	0,14%	93,27%
1960	15	5.202	0,27%	93,54%
1959	11	5.213	0,20%	93,74%
1958	14	5.227	0,25%	93,99%
1957	14	5.241	0,25%	94,25%
1956	24	5.265	0,43%	94,68%
1955	11	5.276	0,20%	94,88%
1954	10	5.286	0,18%	95,05%
1953	3	5.289	0,05%	95,11%
1952	16	5.305	0,29%	95,40%
1951	3	5.308	0,05%	95,45%
1950	4	5.312	0,07%	95,52%

continua

1949	4	5.316	0,07%	95,59%
1948	8	5.324	0,14%	95,74%
1947	8	5.332	0,14%	95,88%
1946	4	5.336	0,07%	95,95%
1945	5	5.341	0,09%	96,04%
1944	4	5.345	0,07%	96,12%
1943	2	5.347	0,04%	96,15%
1942	2	5.349	0,04%	96,19%
1941	3	5.352	0,05%	96,24%
1938	3	5.355	0,05%	96,30%
1937	0	5.355	0,00%	96,30%
1936	6	5.361	0,11%	96,40%
1935	2	5.363	0,04%	96,44%
1934	2	5.365	0,04%	96,48%
1933	2	5.367	0,04%	96,51%
1932	3	5.370	0,05%	96,57%
1929	2	5.372	0,04%	96,60%
1928	2	5.374	0,04%	96,64%
1927	1	5.375	0,02%	96,66%
1926	5	5.380	0,09%	96,75%
1925	1	5.381	0,02%	96,76%
1924	1	5.382	0,02%	96,78%
1923	5	5.387	0,09%	96,87%
1922	3	5.390	0,05%	96,93%
1921	1	5.391	0,02%	96,94%
1920	2	5.393	0,04%	96,98%
1919	1	5.394	0,02%	97,00%
1918	2	5.396	0,04%	97,03%
1916	1	5.397	0,02%	97,05%
1915	1	5.398	0,02%	97,07%
1913	2	5.400	0,04%	97,10%
1912	1	5.401	0,02%	97,12%
1911	3	5.404	0,05%	97,18%
1910	2	5.406	0,04%	97,21%
1909	1	5.407	0,02%	97,23%
1907	1	5.408	0,02%	97,25%
1906	1	5.409	0,02%	97,27%
1905	1	5.410	0,02%	97,28%
1904	1	5.411	0,02%	97,30%
1903	1	5.412	0,02%	97,32%
1902	1	5.413	0,02%	97,34%
1900	1	5.414	0,02%	97,36%
1895	1	5.415	0,02%	97,37%
1894	1	5.416	0,02%	97,39%
1886	1	5.417	0,02%	97,41%

Continua

1884	1	5.418	0,02%	97,43%
1883	1	5.419	0,02%	97,45%
1880	1	5.420	0,02%	97,46%
1841	1	5.421	0,02%	97,48%
s/d	140	5.561	2,52%	100,00%
TOTAL	5.561	5.561	100,00%	100,00%

Neste biênio, foram computadas 7.324 citações (cf. quadro 3) em onze tipologias documentais, dentre estes foram selecionadas 5.561 citações a livros e capítulos de livros que representam aproximadamente 76% (75,93%) das citações analisadas, valor que justifica a escolha desse tipo de material no presente estudo.

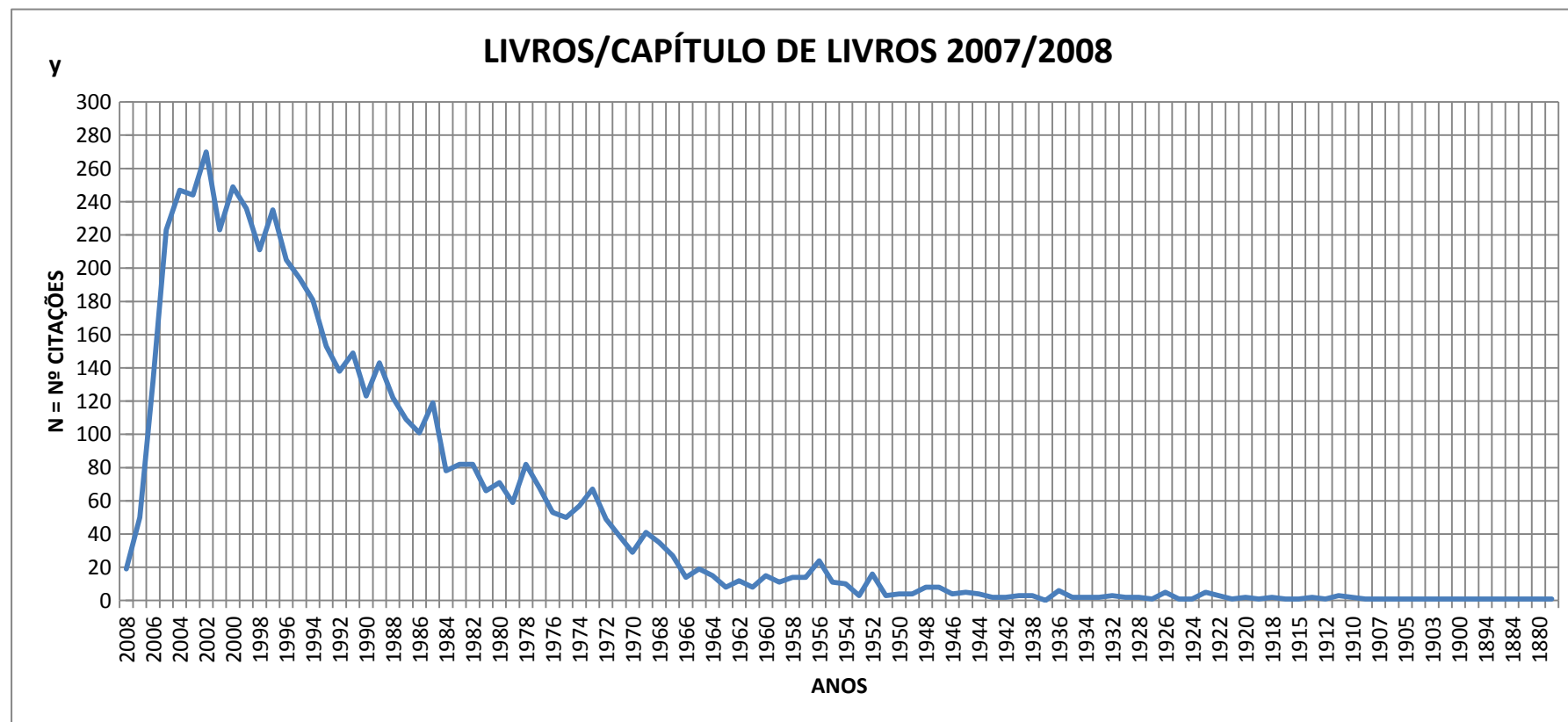
Verifica-se no quadro 6 que os 5.561 documentos citados foram editados no períodos entre 1841 a 2008, remontando 168 anos. Percebe-se ainda que o maior número de citações (270) refere-se a documentos editados no ano de 2002.

Procedeu-se ao cálculo da vida-média, conforme a orientação de Burton e Kebler (1960). Assim, o total de 5.561 citações foi dividido por 2, representando 50% da literatura citada, encontrando-se o valor de 2.780,5. Esse valor foi localizado no número mais próximo referente à coluna somatório das citações ($\sum N$), justamente no valor mais próximo ao valor encontrado para 50% da literatura, ou seja, 2.738. Somando-se os anos acima elencados no quadro 6, encontrou-se 14 anos. Isso significa que a vida-média da área de Ciência da Literatura calculada no período de 2007/2008 é de 14 anos.

O gráfico 1 a seguir, apresenta as coordenadas x, y, onde x representa os anos citados e y o número de citações e ilustra a distribuição das citações no período analisado.

O gráfico 1 a seguir é a representação gráfica de número de citações X anos citados no biênio 2007/2008.

GRÁFICO 1
Distribuição por ano do quantitativo de citações
2007/2008



Pode-se observar que, tanto no quadro 6 como no gráfico 1 que o uso dos documentos decaiu gradativamente, no decorrer dos anos.

Observa-se também que, se a metade da vida útil dos documentos é de quatorze (14) anos, no ano de 1981, estes documentos passam a se tornar obsoletos.

7.2.2 Cálculo da vida-média no período 2011/2012

O quadro 7 a seguir apresenta o cálculo da vida-média da literatura analisada, no biênio 2011/2012.

Quadro 7
Cálculo da Vida-Média
2011/2012

ANOS	N	Σ N	%	Σ %
2012	13	13	0,23%	0,23%
2011	67	80	1,20%	1,44%
2010	161	241	2,89%	4,32%
2009	198	439	3,55%	7,88%
2008	224	663	4,02%	11,89%
2007	221	884	3,96%	15,86%
2006	240	1124	4,31%	20,17%
2005	242	1366	4,34%	24,51%
2004	217	1583	3,89%	28,40%
2003	239	1822	4,29%	32,69%
2002	220	2042	3,95%	36,63%
2001	204	2246	3,66%	40,29%
2000	189	2435	3,39%	43,68%
1999	180	2616	3,23%	46,93%
1998	144	2760	2,58%	49,52%
1997	123	2883	2,21%	51,72%
1996	147	3030	2,64%	54,36%
1995	119	3149	2,13%	56,49%
1994	132	3281	2,37%	58,86%
1993	106	3387	1,90%	60,76%
1992	125	3512	2,24%	63,01%
1991	103	3615	1,85%	64,85%
1990	90	3705	1,61%	66,47%
1989	90	3795	1,61%	68,08%
1988	112	3907	2,01%	70,09%
1987	100	4007	1,79%	71,89%
1986	76	4083	1,36%	73,25%
1985	86	4169	1,54%	74,79%
1984	69	4238	1,24%	76,03%
1983	82	4320	1,47%	77,50%
1982	68	4388	1,22%	78,72%
1981	73	4461	1,31%	80,03%
1980	64	4525	1,15%	81,18%
1979	56	4581	1,00%	82,19%

15 anos

$$\frac{5574}{2} = 2787$$

Continua

1978	72	4653	1,29%	83,48%
1977	52	4705	0,93%	84,41%
1976	61	4766	1,09%	85,50%
1975	40	4806	0,72%	86,22%
1974	38	4844	0,68%	86,90%
1973	50	4894	0,90%	87,80%
1972	41	4935	0,74%	88,54%
1971	32	4967	0,57%	89,11%
1970	34	5001	0,61%	89,72%
1969	59	5060	1,06%	90,78%
1968	34	5094	0,61%	91,39%
1967	39	5133	0,70%	92,09%
1966	19	5152	0,34%	92,43%
1965	25	5177	0,45%	92,88%
1964	14	5191	0,25%	93,13%
1963	17	5208	0,30%	93,43%
1962	16	5224	0,29%	93,72%
1961	14	5238	0,25%	93,97%
1960	12	5250	0,22%	94,19%
1959	12	5262	0,22%	94,40%
1958	17	5279	0,30%	94,71%
1957	10	5289	0,18%	94,89%
1956	8	5297	0,14%	95,03%
1955	8	5305	0,14%	95,17%
1954	4	5309	0,07%	95,25%
1953	5	5314	0,09%	95,34%
1952	6	5320	0,11%	95,44%
1951	6	5326	0,11%	95,55%
1950	4	5330	0,07%	95,62%
1949	3	5333	0,05%	95,68%
1948	3	5336	0,05%	95,73%
1947	4	5340	0,07%	95,80%
1946	7	5347	0,13%	95,93%
1945	4	5351	0,07%	96,00%
1944	6	5357	0,11%	96,11%
1943	10	5367	0,18%	96,29%
1942	1	5368	0,02%	96,30%
1940	2	5370	0,04%	96,34%
1939	4	5374	0,07%	96,41%
1938	3	5377	0,05%	96,47%
1937	4	5381	0,07%	96,54%
1936	6	5387	0,11%	96,65%
1935	3	5390	0,05%	96,70%
1934	3	5393	0,05%	96,75%
1933	2	5395	0,04%	96,79%

Continua

1932	3	5398	0,05%	96,84%
1931	1	5399	0,02%	96,86%
1930	3	5402	0,05%	96,91%
1929	1	5403	0,02%	96,93%
1928	2	5405	0,04%	96,97%
1927	0	5405	0,00%	96,97%
1926	1	5406	0,02%	96,99%
1925	0	5406	0,00%	96,99%
1923	2	5408	0,04%	97,02%
1921	1	5409	0,02%	97,04%
1920	1	5410	0,02%	97,06%
1916	3	5413	0,05%	97,11%
1910	1	5414	0,02%	97,13%
1909	3	5417	0,05%	97,18%
1907	1	5418	0,02%	97,20%
1906	1	5419	0,02%	97,22%
1905	1	5420	0,02%	97,24%
1904	1	5421	0,02%	97,26%
1903	1	5422	0,02%	97,27%
1902	2	5424	0,04%	97,31%
1901	3	5427	0,05%	97,36%
1900	1	5428	0,02%	97,38%
19--	2	5430	0,04%	97,42%
1899	3	5433	0,05%	97,47%
1894	1	5434	0,02%	97,49%
1885	1	5435	0,02%	97,51%
1880	1	5436	0,02%	97,52%
1870	1	5437	0,02%	97,54%
1867	1	5438	0,02%	97,56%
1858	1	5439	0,02%	97,58%
1835	1	5440	0,02%	97,60%
1834	1	5441	0,02%	97,61%
1831	1	5442	0,02%	97,63%
1816	1	5443	0,02%	97,65%
1814	1	5444	0,02%	97,67%
1806	1	5445	0,02%	97,69%
1798	1	5446	0,02%	97,70%
1770	1	5447	0,02%	97,72%
1765	1	5448	0,02%	97,74%
1555	1	5449	0,02%	97,76%
s/d	125	5574	2,24%	100,00%
TOTAL	5574	5574	100,00%	100,00%

No biênio de 2011/2012 foram computadas 7.066 citações (cf. quadro 3). Selecionou-se o número de citações a livros e capítulos de livros, portanto, 5.574 citações a livros e capítulos de livros que se apresentaram tanto em formato tradicional, como em formato eletrônico. Esse valor representa 78,88% do total de citações analisadas que foram datadas entre 1555 e 2012, remontando, portanto, 458 anos.

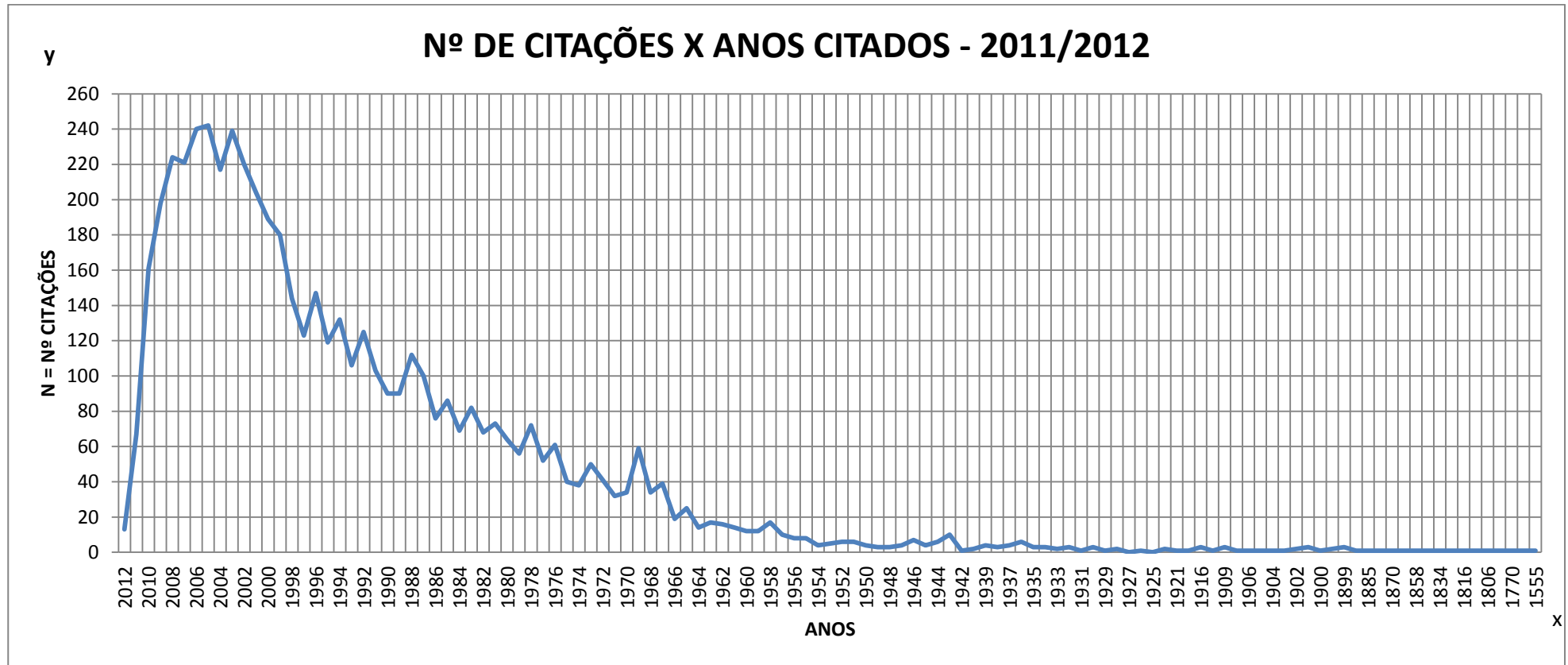
Procedeu-se ao cálculo da vida-média, conforme a orientação de Burton e Kebler (1960). Assim, o total de 5.574 citações foi dividido por 2, representando 50% da literatura citada, encontrando-se o valor de 2.787. Esse valor foi localizado no número mais próximo referente à coluna somatório das citações (ΣN), justamente no valor mais próximo ao valor encontrado para 50% da literatura, ou seja, 2.760 que recaiu no ano de 1998. Somando-se os anos acima elencados no quadro 7, encontrou-se 15 anos. Isso significa que a vida-média da área de Ciência da Literatura calculada no período de 2011/2012 é de 15 anos.

Observou-se que no ano de 1998 chega-se à metade da vida útil da literatura de Ciência da Literatura e a partir de 1983, a literatura vai se tornando obsoleta. O ano de 2005 concentrou maior número de citações, com 242 citações, conforme representado no quadro 7.

O gráfico 2 a seguir, apresenta as coordenadas x, y, onde x representa os anos citados e y o número de citações e ilustra a distribuição das citações no período analisado.

O gráfico 2 a seguir é a representação gráfica do quadro 7.

GRÁFICO 2
Distribuição por ano do quantitativo das citações
2011/2012



Neste biênio observa-se igualmente que o uso da informação decai gradativamente no decorrer dos anos.

8 CONSIDERAÇÕES

O objetivo principal deste trabalho foi determinar a Vida-Média e Obsolescência da informação publicada, no campo da Ciência da Literatura, a partir da análise de citações contidas em teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, nos biênios 2007/2008 e 2011/2012. Considera-se que os objetivos do trabalho foram alcançados.

Neste trabalho, optou-se pela análise de citações a livros e capítulo de livros, tanto em suporte tradicional quanto em suporte eletrônico, uma vez que o resultado apontou que mais de 75% dos documentos citados tratam-se destas tipologias documentais. Os resultados demonstram, ainda, que estes parecem ser os canais formais de comunicação científica preferencial nesta área do conhecimento.

Considerou-se que os resultados encontrados não surpreenderam, na medida em que encontrou-se quase o mesmo valor em anos para a Vida-Média da Ciência da Literatura nos dois períodos analisados, 14 anos no biênio 2007/2008, e 15 anos, no biênio 2011/2012. Apesar de haver uma diferença de um ano, confrontando-se os resultados obtidos nos dois períodos, considera-se que essa variação é válida, pois as áreas de conhecimentos são dinâmicas no que tange ao desenvolvimento de pesquisas científicas e publicação de resultados de pesquisas.

Se compararmos com alguns campos do conhecimento, a Ciência da Literatura tem a Vida-Média relativamente longa. Conforme Gomes et al. (2013), a Ciência da Informação tem a Vida-Média de 7 anos; Comércio Exterior, de 5 anos; Química, de 8 anos; Botânica, de 11 anos; Ceratocone, de 6-7 anos; Extração de catarata, de 7,5 anos; Usuários de Informação, de 13 anos; Direito, de 8 anos, e, por fim Ciência da Informação publicadas em Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) de 2012, entre 8 a 10 anos.

Os dados revelam que o uso da informação no campo da Ciência da Literatura, como observado em outros campos, decai com o tempo gradativamente até a informação não ser mais utilizada, ou seja, até a informação tornar-se obsoleta. Portanto, o cálculo da vida-média é um dos parâmetros de grande utilidade em tomadas de decisão na gestão da unidade de informação, principalmente na área referente à Formação e Desenvolvimento de Coleções que

trata da seleção e aquisição de acervos e no desbastamento de acervos, possibilitando a tomada de decisão mais criteriosa, tendo como base análises bibliométricos desse tipo.

Observa-se que no segundo período analisado a utilização da internet dobrou em relação ao primeiro período (de 3,58% para 8,46%) considerando todas as tipologias documentais. Este fato deve demonstrar o aumento do uso da Web também neste campo do conhecimento, seguindo a tendência mundial apresentada em toda a sociedade humana.

Outro fato interessante identificado é a diferença de uso de meio eletrônico em periódicos em relação a livros e capítulos de livros. O uso em periódicos é proporcionalmente maior do que em livros e capítulo de livros, identificada na proporção de 5,61% para 0,38% no biênio 2007/2008 e 20,79% para 0,79% para o biênio 2011/2012, respectivamente.

Constatou-se que o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ tem três áreas e sete linhas de pesquisas, cada qual com suas particularidades. Além disso, nesta área do conhecimento utiliza-se grande número de literaturas clássicas, como textos filosóficos e textos literários de diferentes fases, conforme o recorte utilizado pelo pesquisador.

Após a análise englobando todas estas áreas e linhas de pesquisa, pela particularidade de cada área já citada, a percepção é que pode ser interessante proceder à análise separadamente. A distinção entre a literatura clássica e os textos teóricos-conceituais é igualmente um fator a considerar para medir a vida-média desta área do conhecimento, como já apontada pelo Burton e Kebler (1960, p. 20).

Por fim, como sugestões para estudos futuros indica-se o cálculo da vida-média considerando separadamente a literatura clássica dos textos teóricos-conceituais e, por sua vez, distinguir a literatura clássica em textos filosóficos e literários em diferentes movimentos, para o cálculo da vida-média. Sugere-se também investigar o fato constatado nesse estudo acerca do uso de periódicos eletrônicos que quadruplicaram do primeiro para o segundo recorte analisado.

Espera-se, por fim, ter contribuído para a pesquisa em Bibliometria e, por conseguinte, em Ciência da Informação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. M. et al. Criação de indicadores sobre o serviço de comutação bibliográfica da BCo/UFSCar através de análise bibliométrica automatizada. In: SNBU – Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 14., 2006, Salvador. Disponível em: <http://200.136.214.89/nit/refbase/arquivos/amaral/2005/568_Amaral_etal2005.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2014.

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11–32, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewFile/3707/3495>>. Acesso em: 7 jun. 2013.

BARBOSA, J. S.; SILVA, L. C. O.; SILVA, H. O. P. Recuperação de informação em trabalhos apresentados em encontros nacionais e regionais de estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação: uma proposta de utilização do programa open conference systems. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciências da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 59-75. Jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/445>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

BARBOZA, E. M. F. **Estudo comparativo dos métodos usados para medir a obsolescência da literatura científica**, 38 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

BRAGA, M. G. **Relações bibliométricas entre a Frente de Pesquisa (Research Front) e revisões da literatura**: estudo aplicado a Ciência da Informação, 1972. [38] f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia e Documentação) - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1972.

BURTON, R. E.; KEBLER, R. W. The “half-life” of some scientific and technical literatures. **American Documentation**, Washington, v. 11, n.1, p. 18-22, jan. 1960.

CAMPELLO, B. S. Teses e Dissertações. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M.(Org.). In: **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG. 2007. cap. 9.

CASTRO, M. A. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, R. (Org.). **Manual da teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. cap. 3.

COIMBRA, L. C. A. **Estudo comparativo da vida-média da literatura de Antropologia Social por meio de dois periódicos da área**: Mana. Estudos de Antropologia Social e The Journal of the Royal Anthropological Institute. 2011. 39 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – Arquivo Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

DELDUQUE, A. P. L. **A popularidade e produtividade de autores na área de ciências ambientais**: análise bibliométrica. 2013. 55f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) –

Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FÉLIX, A; SANTOS, M. J. V. C.; MELLO, P. M. A. C. Vida média da literatura de Botânica: um estudo bibliométrico para medir a obsolescência da literatura. In: SNBU – Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 15., 2008, São Paulo. *Anais eletrônico...* São Paulo: UNICAMP, UNESP, USP, 2008. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/9.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

FORESTI, N. A. B. Contribuição das revistas brasileiras de Biblioteconomia e Ciência da Informação enquanto fonte de referência para a pesquisa. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-71, jan./jun., 1990.

GARFIELD, E. **Citation indexing: its theory and application in Science, technology, and humanities**. New York: J. Willey & Sons, 1979.

GOLDENBERG, S.; CASTRO, R. C. R. **Interpretação dos dados estatísticos da SciELO (Scientific Eletronic Libraby Online)**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/acb/v22n1/01.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

GOMES, S. L. R.; MENDONÇA, M. A. R.; SOUZA, C. M. Literatura cinzenta. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG. 2007. cap. 6.

GOMES, T. et al. Vida média da literatura de Ciência da Informação: análise de pesquisas publicadas em Anais do ENANCIB 2012. In: Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural, 35., 2013, Rio de Janeiro.

GUEDES, V. L. da S. **Um estudo para indexação automática de textos de mecânica dos solos, Engenharia Civil**. 1992. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1972.

_____. A bibliometria e a gestão da informação e do conhecimento científico e do conhecimento científico e tecnológico: uma revisão de literatura. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 6, n. 2, p. 74-109, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/5695/4591>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

GUEDES, V. L. da S.; BORSCHIVER, S. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. *Anais eletrônico...* Salvador: ICI/UFBA, 2005. Disponível em: <<http://www.feg.unesp.br/~fmarins/seminarios/Material%20de%20Leitura/Bibliometria/Artigo%20Bibliometria%20-%20Ferramenta%20estat%EDstica%20VaniaLSGuedes.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

HILL, T. As manifestações artísticas. In: SAMUEL, R. (Org.). **Manual da teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. cap. 2.

LE COADIC, Y. A matemática da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 219 – 239. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LEITE, F. C. L.; COSTA, S. M. S. Gestão do conhecimento científico: proposta de um modelo conceitual com base em processo de comunicação científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 92-107, jan./abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652007000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 1 maio 2014.

LINE, M. B. The “half-life” of periodical literature: apparent and real obsolescence. **Journal of Documentation**, London, v. 26, n. 1, p.48-54, mar. 1970.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1988.

MARSHAKOVA, I. V. Citation networks in information science. **Scientometrics**, [s.l], v. 3, n. 1, p. 13-26, 1981.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MUELLER, S. P. M. Literatura científica, comunicação científica e ciência da informação. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 125-144. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

OLIVEIRA, E. B. P. M.; NORONHA, D. P. A comunicação científica e o meio digital. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 75-92, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/53/1523>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

OLIVEIRA, A. C.; DÓREA, J. G.; DOMENE, S. M. A. Bibliometria na avaliação da produção científica da área de nutrição registrada no Cibran: período de 1984-1989. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n.3, p. 239-242, set./dez. 1992. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1308/943>>. Acesso em: 29 mar. 2014.

OTLET, P. O livro e a medida. Bibliometria. In: FONSECA, E. N. da (Org.). **Bibliometria: teoria e prática**. São Paulo: Cultrix, 1986. p. 19-34.

POBLACIÓN, D. A. Literatura cinzenta ou não convencional: um desafio a ser enfrentado. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 21, n. 3, p. 243-246, set./dez. 1992.

POBLACIÓN, D. A.; NORONHA, D. P.; CURRÁS, E. Literatura cinzenta versus literatura branca: transição dos autores das comunicações dos eventos para produtores de artigos.

Ciência da Informação, Brasília, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/442/400>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

PRITCHARD, A. Statistical bibliography or bibliometrics? **Journal of Documentation**, London, v. 25, n. 4, p. 348-349, dec. 1969.

QUEIROZ, G. G. **Relações entre o crescimento, a dispersão e a obsolescência da literatura de dosimetria termoluminescente**. 1979. 72 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

SANTOS, M. J. V. C.; MELLO, P. M. A. C. A medida da obsolescência da literatura na área da Botânica: uma contribuição ao entendimento da cronologia das citações na atividade científica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA, 13., 2012, São Paulo.

SANTOS, R. N. M.; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Pesquisa Brasileira Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n.1, p. 155-172, jan./dez. 2009. Disponível em:
<<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

SILVA, A. A. **Vida média da literatura em direito: um estudo bibliométrico aplicado a um período jurídico**. 2013.33f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Gestão da Unidade de Informação da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, V. M. A. **Teoria da Literatura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1976.

SOARES, A. M. S. A crítica. In: SAMUEL, R. (Org.). **Manual da teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. cap. 5.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em:
<<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/326>>. Acesso em: 22 jul. 2013.

UZBIZAGÁSTEGUI ALVARADO, R. A bibliometria: história, legitimação e estrutura. In: TOUTAIN, L. M. B. B. (Org.). **Para entender a ciência da informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 185-218. Disponível em:
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/145/1/Para%20entender%20a%20ciencia%20da%20informacao.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

_____. Obsolescência da literatura sobre a Lei de Lotka. **DataGamaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 10, n. 1, fev. 2009. Disponível em:
<http://www.dgz.org.br/fev09/Art_03.htm>. Acesso em: 3 jun. 2013.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12918.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2013.